

Conferência de Bastos Tigre comemorativa de posse do Sr. Herbert Moses na Presidência da Associação Brasileira de Imprensa

O SR BASTOS TIGRE - Sr. Presidente, prezados consócios, minhas Senhoras, meus Senhores.

O que vou dizer só tem de discurso esta invocação -- acho que o jornalista não deve fazer discurso, como o orador não deve escrever artigos. Quando o jornalista fala em tom oratório, sai artigo de fundo. Quando o orador tem de escrever uma simples nota, ainda de aniversário, sai, pelo menos, um brinde de sobremesa. Acabamos, entretanto, de ter uma prova em contrário: um jornalista que é notável orador. Aqui, porém, verifica-se uma exceção: não é questão de fulano ou beltrano, mas... do Beltrão Melhor, na verdade, será não fazer discurso. Fique cada macaco em seu galho ou, como se trata de jornalismo, cada macaco em seu trapézio.

★

Contar-vos a história da Associação Brasileira de Imprensa seria tarefa longa e talvez não muito interessante para a maioria das senhoras presentes, que não gostam de se ocupar com a vida alheia.

Ela, como todas as instituições de classe, como todas as instituições em geral, tem tido os seus altos e baixos. Aliás, só agora é que a nossa Associação teve propriamente altos, servindo-a até elevadores... A maior parte das vezes, o que de fato teve foram baixos... Chegou, certa vez, numa de suas brilhantes administrações, quando dirigia seu destino o nosso companheiro e conselheiro, desde longa data, Raul Pederneiras, a ficar mesmo sem nenhum abrigo, tendo de aceitar a hospedagem de um dos ini-

migos natos da imprensa -- a polícia, não porque os jornalistas tenham de ir parar na polícia, mas porque esta tenha de ir parar nos jornais, o que nem sempre é muito agradável... E foi para a Brigada Policial, o que fazia o nosso Presidente de então dizer que a ABI tinha sido abrigada na brigada...

Mas os dias difíceis passaram e nunca faltou, nos transes mais amargurados, a nenhum dos nossos Presidentes, coragem, entusiasmo, dedicação ou fôrça de vontade; faltou, sim, o elemento -- dinheiro, elemento que em tudo se mete e, quando não se mete, eis que surgem as dificuldades... A Abi, porém, venceu, e isto é o principal. Vamos esquecer o passado, reservemos dez minutos de silêncio para os dias calamitosos... (Riso)

A ABI surgiu em 1908, fundada por Gustavo de Lacerda e um grupo de jornalistas cujo nome não citarei porque já são decorridos 32 anos e ha vários aquí presentes que tinham 30 anos na fundação e ainda estão na flor da idade... (Riso)

Seguiram-se a êsses os seguintes, cujos nomes apenas relatarei: Dunchew de Abranches, Belizário de Souza, Raul Pederneiras, novamente Raul Pederneiras, João Melo, Gabriel Bernardes, Paulo Filho, Barbosa Lima Sobrinho, Alfredo Neves, Herbert Moses. Como Vice-Presidentes: Francisco Souto, e Dario de Mendonça, durante a segunda presidência de Raul Pederneiras.

Cada um deles carregou uma pedrinha para o edifício, moral, bem entendido, porque, para o edifício material não foi possível: deixaram toda a carga para nosso último e atual Presidente -- Herbert Moses.

Fazer aqui o resumo da administração de cada um dos Presidentes seria não só um pouco fatigante, mas pouco interessante, porque estaríamos discorrendo em forma de relatório. O relatório é um gênero literário que muitos cultivam e raros apreciam. Farei, assim, apenas uma síntese da vida da nossa Associação, expressada pelo nosso atual Presidente: pequenino, como é, fica-lhe muito bem o papel de síntese... (Riso) Mas, minhas Senhoras e meus Senhores, que síntese! De que síntese estamos nós diante!

Moses -- antes que a palavra dinamismo tivesse caído no glosário dos lugares comuns, já era o homem-dinâmico. Fôsse possível recolher toda a eletricidade que êle tem no corpo e teríamos com que iluminar uma cidade. Ainda mais, sobraria fôrça e energia para movimentar uma porção de gente que vive pelas esquinas praticando as obras alheias... (Riso)

Herbert Moses entra agora, como êle próprio acaba de dizer, em seu décimo ano de administração. Nove anos são passados; mais um e, de conformidade com as leis em vigor, não poderá mais deixar a presidência desta Casa... (Riso. Palmas).

Quando a natureza fez Herbert Moses pequenino e sintético, foi justamente para permitir-lhe movimentos mais rápidos. E move-se êle, para que? Para que tanta agitação e celeridade de movimentos?

Minhas Senhoras e meus Senhores, defendam-se... (Riso)  
Onde quer que Herbert Moses esteja, junto de uma pessoa que se-

ja, está pedindo... (Riso) É o eterno pedinchão, nos Gabinetes dos Ministros, nos Bancos, nas casas dos poderosos, como nos hospitais, casas de saúde, nos colégios.

Podeis, no entanto, estar certos de que não pede para si, mas para outrem. Seu ideal é servir, e, para obter recursos, arrosta todas as dificuldades e, o que é digno de nota, não conta com benefício pessoal algum: agindo em seu nome ou em nome desta Casa, nada espera para si, nem sequer a gratidão.

Exmas. Senhoras e meus Senhores, a glória do homem é feita mais pelos inimigos do que pelos próprios amigos. Moses não tem inimigos, no sentido lato da palavra, porque inimigo, propriamente, é aquele que deseja mal para alguém, quer ver êsse alguém sofrer ou vê-lo longe.

Aquí mesmo, na Associação de Imprensa, têm-se verificado atritos de família... Houve, mesmo, séria tentativa de afastar o Moses da presidência, mas os seus inimigos que assim procederam são de tal ordem que, estou certo, se Herbert Moses em dado momento resolvesse deixar a direção, êles seriam os primeiros a correr em seu encalço, agarrá-lo, pedir que, afinal, ficasse... (Riso)

São, em consequência, não propriamente inimigos, mas indivíduos contrariados pelas vitórias de Moses. Êles exercem, por uma questão de princípio, essa arte sutil na gíria clássica chamada -- ~~trapação~~ trapação. São êsses numerosos inimigos do Moses, inimigos somente pelo espírito de contrariedade, que, nada lhe po-

dendo dar, inventam-lhe apelidos. Ora, entre os vários apelidos com que tem sido mimoseado Herbert Moses, um considero genial, como propriedade e como verdadeiro título de glória oferecido pelos seus adversários -- mosquito elétrico... (Riso) Elétrico, por que? Porque aquele homem-dinamo, de que vos falei, está em toda parte. Ele é vertigem, é relâmpago, é onda hertziana, é televisão. Para Herbert Moses, o dia tem 28 horas, a hora 80 minutos, e o minuto não sei quantos segundos tem. Divide-se, subdivide-se, multiplica-se: quatro almoços, dois jantares, três conferências, uma recepção e, à noite, três teatros, tudo isso com discursos e no período de um dia.

Aquela anedota que corre por aí expressa bem a verdade. Refiro-me à história do menino que, certa noite, voltando-se para o seu progenitor, gritou: "Papai, achei, achei!" Achou o que, meu filho? E o pequeno: "Aquele retrato publicado numa revista, que o senhor procurava, onde o Moses não aparece!" (Riso) É que o homem fazia coleção de raridades, e queria essa fotografia...

Ha uma canção carnavalesca que diz:

"O tempo passa e a gente chora,  
 porque não aproveitou.  
 Então, a gente quer aproveitar o tempo,  
 mas o tempo não dá tempo,  
 porque o tempo já passou."

Já passou, sim, mas o Moses ia na frente do tempo. (Riso)

Está explicado o "elétrico".

Mas, e o "mosquito"? Ah!... o mosquito... Esta Casa,

êste monumento à sua inteligência e à sua atividade, à sua persistência e à sua determinação, é também uma prova de quanto êle soube ser tenazmente, incansavelmente mosquito. Tanto zuniu, zuniu e zumbiu, zigzagueou e tornou a zunir e zumbir e rezumbir ao ouvido do Chefe do Govêrno, que S. Ex. acabou por tomar sob sua égide a Associação Brasileira de Imprensa, dando-lhe os elementos para a construção dêste palácio. Graças sejam dadas ao eminente Sr. Getúlio Vargas, que soube ouvir com simpatia o zunido do nosso querido e glorioso Mosquito! E hosanas ao nosso Presidente Moses que, Moisés de nome, levou a ABI à terra da Promissão -- ela que só vivia, até seu advento, na terra oscilante da promissória... (Palmas prolongadas)

★

